



Mulheres e EJA: Os desafios e as condições de ser mulher e estudante na educação de jovens e adultos

Women and EJA: The challenges and conditions to be woman and student in the youth and adult education

Mujeres y EJA: Los desafíos y las condiciones de ser mujer y estudiante en la educación de jóvenes y adultos

Veida Allegra de Ribeiro Cruz¹
Centro Educacional Lay Ana (CELA)

Neilton Castro da Cruz²
Prefeitura Municipal de Porto Seguro (SEDUCPS)

RESUMO

Este trabalho se propõe a apresentar o resultado da pesquisa que buscou analisar experiências de mulheres na condição de estudantes da Educação de Jovens e Adultos – EJA. De abordagem qualitativa, nessa investigação nos apropriamos como sustentação teórica, dos trabalhos realizados por Arroyo (2006; 2007), Leony (2013), Louro (2004), Reis (2009), entre outros. Os dados coletados e analisados nos dão condições de afirmar que as trajetórias dessas mulheres foram interrompidas ainda na infância por questões diversas, as quais inclui, sobretudo, o fato de ser mulher.

Palavras-chave: Trajetórias; EJA; Mulher; Obstáculos.

ABSTRACT

This work aims to present the result of the research that sought to analyze the experiences of women as students of Youths and Adults Education (EJA). With a qualitative approach, in this investigation we appropriate as theoretical support the works carried out by Arroyo (2006; 2007), Leony (2013), Louro (2004), Reis (2009), among others. The data collected and analyzed give us conditions to affirm that the trajectories of these women were interrupted in childhood due to several issues, which include, above all, the fact of being woman.

Keywords: Trajectories; EJA; Woman; Obstacles.

RESUMEN

Este trabajo propone presentar el resultado de la investigación que buscó analizar las experiencias de las mujeres como estudiantes de Educación de Jóvenes y Adultos - EJA. Con un enfoque cualitativo, en esta investigación nos apropiamos como soporte teórico, de los trabajos realizados por Arroyo (2006; 2007), Leony (2013), Louro (2004), Reis (2009), entre otros. Los datos recogidos y analizados nos dan las condiciones para afirmar que las trayectorias de estas mujeres fueron interrumpidas en la infancia por diferentes razones, que incluye, sobre todo, el hecho de ser mujer.

Palabras clave: Trayectorias; EJA; Mujer; Obstáculos.

¹ É formada em Pedagogia, pela Faculdade Nossa Senhora de Lourdes (FNSL). Atua como professora no Centro Educacional Lay Ana. <https://orcid.org/0000-0002-5567-8826> Email: veidaallegra@outlook.com.

² É formado em Pedagogia, pela UESC; Mestre e Doutor em Educação, Pela FaE/UFMG. É professor do quadro efetivo da Rede Municipal de Educação de Porto Seguro e atua como docente na Faculdade Nossa Senhora de Lourdes (FNSL). É membro do Grupo de Pesquisa intitulado Temporalidades cotidianas de discentes da Educação de Jovens e Adultos: configuração dos tempos escolares e extraescolares. <https://orcid.org/0000-0002-2735-7953> Email: neiltondacruz@gmail.com.



Considerações iniciais

A discussão acerca das dificuldades, por parte das mulheres, em voltar a ser estudante na EJA depois de certa idade, já tinha sido objeto de análise de outros/as pesquisadores/as (DA CRUZ, 2011; BASTOS, 2011). Mas, nesse trabalho, procuramos focar nossas análises na condição de ser mulher e estudante. Nesse sentido, nosso olhar se voltou não às dificuldades por elas abordadas, mas, especialmente, procuramos captar em qual medida sua condição de mulher maximizou suas dificuldades.

Vale destacar que o interesse por essa temática se deu a partir da inquietação que surgiu após o Estágio Obrigatório na Educação de Jovens e Adultos (EJA), previsto no Curso de Licenciatura em Pedagogia. Na referida experiência, pudemos acompanhar uma turma, por meses, e entender um pouco sobre como era a vida escolar daqueles/as estudantes, sobretudo acerca do desafio que era iniciar/retomar e, principalmente permanecer nos bancos escolares. Nessa medida, a escolha dessa problemática partiu da necessidade de compreender e explicar se a identidade de gênero contribui para o surgimento e/ou ampliação das adversidades encontradas pelas estudantes da EJA, já que ainda vivenciamos consideráveis desigualdades entre homens e mulheres, em todos os aspectos, sendo que um deles está relacionado à distribuição do trabalho, que produz o que algumas pesquisas denominam de tríplice³ jornada, uma vez que desenvolvem diversas funções, além do trabalho fora de casa.

De modo geral, o/a educando/a da EJA vive, quase que de forma imperativa, tendo que fazer escolhas durante o ano. Na condição de estudante, precisa dividir seu tempo entre seus afazeres cotidianos e os estudos. Sabemos que a vida fora do ambiente escolar influencia no que ocorre no interior das instituições, seja de forma positiva ou negativa. Nessa medida, muitas vezes, a obrigação de chefe de família pode se mostrar mais imperativa do que a de estudante. E, na impossibilidade de conciliação entre o tempo de estudar e o de trabalhar, a interrupção da trajetória escolar certamente tende a acontecer.

³ Quem quiser saber mais, veja em ÁVILA, Rebeca Contrera. Trajetórias e estratégias escolares de mulheres de camadas populares que vivenciam uma tríplice jornada diária: trabalho remunerado, trabalho doméstico e estudos. 2010. 235f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal São João Del Rei - UFSJ, São João Del-Rei, 2010.

A investigação, devido à natureza do objeto, possui caráter qualitativo. A pesquisa qualitativa estuda o ambiente em seu estado natural, sem qualquer manipulação intencional do/a pesquisador/a, por isso esse tipo de estudo é também chamado de “naturalístico” (LUDKE; ANDRÉ, 1986). Sendo assim, esse método foi escolhido por acreditarmos que pesquisar qualitativamente é, de alguma forma, olhar, vasculhar ambientes muitas vezes já conhecidos, mas com um modo diferente de olhar. Para Minayo (1994), esse tipo de pesquisa é um labor artesanal que se realiza fundamentalmente por uma linguagem baseada em conceitos, proposições, métodos e técnicas, configurando-se, assim, em um ritmo próprio e particular de construção.

A coleta de dados se deu por meio da entrevista semiestruturada, sobretudo, pelo fato de ela ser aquela que:

(...) parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha do seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa (TRIVIÑOS, 1987, p.146).

O universo do estudo foi uma Escola Municipal Pública de Porto Seguro/BA. Os sujeitos foram estudantes da Educação de Jovens e Adultos, sendo cinco mulheres de idade entre 40 e 60 anos, com as quais realizamos entrevistas semiestruturadas, a fim de que pudessemos alcançar os objetivos e finalidades propostos: identificar os obstáculos que permeiam, com certa dose de imperatividade, a trajetória de mulheres que estudam na EJA. As entrevistas tinham como objetivo, mostrar, por meio das narrativas, a experiência escolar, desde a infância, o abandono da escola e o retorno aos bancos escolares.

1. O desafio de ser mulher e estudante da EJA

É necessário ressaltar que às mulheres se apresentam muitos desafios. No caso das que dão voz a esse trabalho, a fim de estudar, deixam seus lares à noite e vão à escola, a maioria, depois de um dia inteiro de labuta. Esse retorno à escola, pelo que foi possível constatar, é



motivado por uma visão prospectiva da vida. Em muitos casos, elas levam seus filhos e filhas para a sala de aula, por não confiarem em deixar os/as mesmos/as em casa, ou por não terem com quem deixá-los/as. Muitas vezes essa tomada de posição, de retomarem os estudos, ocorre sem a aprovação de seus companheiros. Assim, para não abrir mão de seus objetivos de vida, precisam enfrentar a resistência de seus esposos, o que torna ainda mais difícil, o desafio de se tornarem estudantes na EJA.

Nesse sentido, é preciso destacar que as questões de gênero também fazem parte das discussões acerca da Educação de Jovens e Adultos, como salientam Vieira e Cruz (2017, p. 5):

A Educação de Jovens e Adultos engloba também a questão de gênero. Pesquisa realizada pelo IBGE, divulgada em 2009, constatou que 53% dos estudantes da EJA são mulheres. Cada mulher tem o seu perfil, sua individualidade, os obstáculos encontrados por cada uma nunca será o mesmo da outra. Apesar de tudo, vence o cansaço, os desafios, com a finalidade de aprender, de estudar.

Apesar do dado acima apontar para uma presença do sexo feminino num percentual maior do que dos homens, historicamente a mulher sempre foi vista como a provedora dos filhos e responsável pelos afazeres da casa, educadas para constituir família (PALÁCIOS; REIS; GONÇALVES, 2017). O fato é que, até pouco tempo,

A relação com a educação não passava de formalidades para ter uma boa família. Quanto à educação escolar, essa, anteriormente, era privilégio de poucos e, ainda assim, direcionada para homens. Apesar das desigualdades enfrentadas ao longo da história, é por meio da educação que muitas mulheres almejam uma vida melhor, direito este conquistado há pouco tempo atrás (PALÁCIOS; REIS & GONÇALVES (2017, p. 106).

Depois de décadas de resistência e de muitas lutas travadas [...] “a mulher começa a se firmar na sociedade possuindo voz e vez, ainda que enfrente preconceitos e indiferenças” (PALÁCIOS; REIS & GONÇALVES (2017, p. 106).

Se, por um lado, a mulher conseguiu conquistar o direito de participar da educação escolar, por outro, tal fato não tornou suas experiências escolares menos desafiadoras. De um modo geral, o cotidiano da população brasileira, de camada popular, exige que os sujeitos jovens e adultos tenham que viver contornando obstáculos (COURA, 2008). Há casos,

inclusive que suas dificuldades são transformadas no móbil⁴ que sustenta sua permanência nos bancos escolares (DA CRUZ, 2016). O fato é que não é possível negar [...] “o quanto a EJA contribui para a formação dessas mulheres, tanto pela alfabetização quanto por facilitar a retomada dos estudos, visando um futuro melhor” (PALÁCIOS; REIS; GONÇALVES, 2017, p. 116).

Segundo Reis (2009, p. 110), dentre as adversidades enfrentadas, se destacam:

A inadequação da estrutura da escola noturna para os jovens e adultos; o trabalho que rouba, cada vez, mais tempo; o sono, devido ao cansaço físico; a família que ficou em casa; problemas de saúde; a busca por melhores condições de vida em outros cantos do país; o medo de errar; entre outros.

Arroyo (2007, p. 7) insiste em afirmar: “a EJA tem que ser uma modalidade de educação para sujeitos concretos, em contextos concretos, com histórias concretas, com configurações concretas”. Contudo, a escola ainda não aprendeu a reconhecer e, principalmente, a valorizar a bagagem trazida por cada estudante, no mais das vezes, centra seus objetivos na aplicação dos planos e/ou conteúdos pedagógicos, os quais, quase sempre, descontextualizados e com pouco sentido para educandos/as da EJA.

É possível dizer que, para a escola contribuir mais e ajudar a minimizar os desafios impostos a todos/as os estudantes, sobremaneira às mulheres, a escola não pode ser apenas uma emissora de certificados. Ela precisa assumir a responsabilidade de conhecer o sujeito concreto e suas adversidades, para que, a partir disso, consiga construir um processo de formação numa perspectiva crítica, norteadas de sentido à vida do/a estudante, não apenas pensando em sua profissionalização, que é essencial, mas também em seu papel social. Todavia, essa tarefa não é fácil:

No lugar de acolhê-los, de orientá-los, de ensiná-los a se organizarem e relacionar as informações que já possuem com as que estão adquirindo, de incentivá-los a formular perguntas sobre o que querem aprender, infelizmente, completa o trabalho de exclusão. Isso é feito pelo modo que a escola atua, comunicando ao sujeito a sua incapacidade, mostrando a ele sua incompreensão dos procedimentos e da linguagem escolar, sua dificuldade de interagir com exercícios e raciocínios acadêmicos, distantes da sua realidade. Assim, desprovidos de uma ponte que interligue a sua sabedoria com o saber da escola, o aluno acaba desistindo de

⁴ Aqui, nos referimos ao móbil na perspectiva de Charlot (2000).



estudar. Desse quadro resulta o consenso que circula na escola: o aluno da EJA é incapaz cognitivamente, tem grandes dificuldades de aprendizagem, problemas gravíssimos de memória, lentidão exagerada de raciocínio, etc (REIS, 2009, p. 173).

Para conseguirem continuar até o final desta modalidade, educandos e educandas precisam construir estratégias, com o propósito de ultrapassar esses obstáculos comumente encontrados no cotidiano (DA CRUZ; VIANA, 2014). Nessa medida, se faz necessário que a escola assuma seu papel e consiga, também, atuar como mediadora nessa relação, tendo em vista o fato de que, na maior parte das vezes, tão realidade é vivida sob a tensão entre ficar e/ou interromper os estudos.

É salutar entender que cada um/a tem sua subjetividade, a qual opera com considerável poder. A vida desses/as educandos/as, fora da escola, pode não ser tão fácil, por isso eles e elas, em alguma medida, precisam se sentir acolhidos/as e, sobremaneira, incentivados a resistirem por parte da instituição escolar. Contudo, nos alerta Arroyo (2006, p. 100).

Essa escola ainda desconsidera uma série de fatores, movimentos e sentimentos dos homens e mulheres em busca da escolarização, mas ainda se constitui como essencial espaço de luta e de conquistas, no que convergem, a EJA e os movimentos de mulheres e movimentos feministas como espaços de reivindicações de direitos.

É importante destacar que dados mais recentes, “sinalizaram que nos últimos anos a igualdade de gênero, em termos do número de matrícula, começa a ocorrer na EJA, mas ainda havia superioridade quanto a presença das mulheres no ano de 2012. Contudo, os homens concluem mais e abandonam menos” (DA CRUZ, 2016, p. 79).

2. A infância e o abandono da escola

Atualmente, mais da metade da população brasileira é composta de mulheres. Quando se trata do analfabetismo, o sexo feminino tem uma parcela menor do que o masculino, mas, mesmo sendo menor, as mulheres encontram obstáculos que poderiam fazer esse número ser superior ao dos homens.

Desde criança, a carga social que a mulher carrega já coopera e potencializa os desafios, tanto no seu meio profissional quanto no pessoal, especificamente, em famílias pobres. A menina cresce acreditando que um certo número de obrigações dentro de casa são

“naturalmente” dela. Na realidade, essa questão, ainda, é reflexo do modelo de sociedade que temos: às meninas são atribuídas responsabilidades que, na maior parte das vezes, têm por finalidade mantê-las em casa, em muitos casos, com obrigação de casar e ser do lar. Nessa perspectiva, a educação não é vista como prioridade. Não há qualquer tipo de investimento, da parte da família, para que as meninas desejem e/ou busquem a escola, como possibilidade de viver uma experiência longa.

As mulheres têm o direito às mesmas oportunidades que os homens. A sociedade, por sua vez, depende da sua contribuição em todas as áreas de trabalho e em todos os aspectos da vida cotidiana. As políticas de educação voltadas para a alfabetização de jovens e adultos devem estar baseadas na cultura própria de cada sociedade, dando prioridade à expansão das oportunidades educacionais para todas as mulheres, respeitando sua diversidade e eliminando os preconceitos e estereótipos que limitam o seu acesso à educação e que restringem os seus benefícios. Qualquer argumentação em favor de restrições ao direito de alfabetização das mulheres deve ser categoricamente rejeitada. Medidas devem ser tomadas para fazer face a tais argumentações (CONFINTEA V, 1997)⁵.

Muitos/as educandos/as que ingressam na EJA tiveram que interromper os estudos, em algum momento de sua vida, na infância ou adolescência. Inúmeras são as dificuldades que levam as famílias a não matricularem suas crianças na escola. Por meio das entrevistas realizadas, pudemos perceber o que levou as entrevistadas a abandonarem ou não vivenciarem experiências escolares na infância. E retornar à escola, torna-se um grande desafio, como relata Pais (2003, p. 75):

Se o retorno à escola configura uma tomada de decisão difícil, permanecer nela exige dos referidos sujeitos um esforço ainda maior. Em grande medida eles/elas precisam agir como a ‘massa de água que, no leito do rio, se insinua, girando à volta de qualquer obstáculo, erosionando-o, enfrentando-o.

A nossa primeira entrevistada⁶, a quem demos o nome de Margarida, nasceu na cidade de Palmira (BA). Ela tem 49 anos e teve seu primeiro contato com a escola aos dez, também no turno da noite, em uma escola que aderiu ao Movimento Brasileiro de Alfabetização

⁵ Conferência Internacional para Educação de Jovens e Adultos, Alemanha, 1997. Disponível em: <http://forumeja.org.br/files/5Confintea.pdf>. Acesso em: 24 jun.2019.

⁶ Os nomes verdadeiros, das entrevistadas, foram preservados por uma questão ética. Nesse sentido, atribuímos a cada uma delas, nome de flores.



(MOBRAL). O projeto ao qual se referiu, foi instituído no período da Ditadura Militar, criado pela Lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967.

A escola localizada na zona rural, era a única próxima da casa de Margarida. De acordo com o que nos contou, sua permanência nos bancos escolares foi por um período muito curto.

Sim, estudei pouco tempo, parei de estudar com onze anos, fui trabalhar em Salvador. Precisei trabalhar, porque perdi minha mãe em um acidente de carro, e tive que trabalhar para ajudar em casa, pois era a mais velha dos irmãos. Quando voltei a estudar, eu já estava aqui em Porto Seguro, com vinte e dois anos (MARGARIDA, nota de campo).

A narrativa de Margarida demonstra que o estudo naquela época, para as camadas mais empobrecidas do país, não era uma prioridade. Conseguir o pão de cada dia para o sustento da família era a única coisa necessária, e esse foi um dos motivos que a obrigou a interromper precocemente a trajetória escola. É importante salientar que as questões apontadas pela entrevistada, estão alinhavadas com o modelo de sociedade que temos, no qual

O sistema do capital se beneficia da opressão vivenciada pelas mulheres, tanto do ponto de vista ideológico, por meio da reprodução do papel conservador da família e da mulher, como na perspectiva da inserção precária e subalterna no mundo do trabalho (SANTOS; OLIVEIRA, 2010, p. 14).

Já no caso de Tulipa, a segunda entrevistada, que também cresceu no interior da Bahia, encontramos um obstáculo diferente que impediu a continuação dos estudos. Tulipa, que atualmente tem 40 anos, cresceu na roça. O primeiro contato dela com a escola foi aos 12 anos de idade. Dois anos depois, foi obrigada a abandonar os estudos, por motivos familiares: “Eu abandonei, porque tive que casar, naquela época a menina mulher tinha que casar cedo, arrumar filho, trabalhar” (TULIPA, nota de campo). Mesmo sem querer, relatou, teve que abrir mão dos estudos, por terem sido impostas sobre ela, obrigações da mulher, e ela não tinha voz de escolha, podendo apenas acatar a decisão da família.

Até 2002, quando ocorreu a aprovação do novo Código Civil Brasileiro, “a idade legal para se casar era de 16 anos para as moças e 18 para os moços, sempre implicando a autorização dos pais, segundo os arts. 183, XII e 185, do Código Civil de 1916” (LEVY, 2009, p. 129). A partir da vigência do novo código, no Brasil, a idade para casamento de ambos os sexos passou a ser 16 anos (LEVY, 2009).

Nesse sentido, à primeira vista, o fato narrado por Tulipa nos causa um certo espanto, já que, na época, ela tinha apenas 12 anos de idade, quando a família decidiu que ela teria que se casar.

Dados atuais do Registro Civil mostram que jovens dos dois sexos se casam bem antes da idade legal: crianças de 11 anos, e até de dez no caso de meninas. Os dados de 2002 para o Brasil, consolidados com base nos registros civis dos estados, mostram que 75.580 jovens entre 10 e 14 anos casaram-se, sendo que dois terços deles vivem na zona urbana. Esse é um costume que era muito comum na zona rural, mas é novo nas cidades, uma vez que o intenso fluxo migratório rural/urbano neste país fazia com que os casamentos na zona urbana fossem mais tardios (LEVY, 2009, p. 129).

O relato de Tulipa demonstra o quanto que a mulher, apesar das importantes conquistas, ainda precisa continuar a luta para garantir e ampliar direitos. E isso é algo que vem se arrastando ao longo dos séculos, como bem afirma Leoney (2013).

Vale lembrar que até finais do séc. XIX, a educação feminina fora negligenciada porque alegava-se que o conhecimento e sabedoria eram desnecessários e prejudiciais à mulher, por causa da sua fragilidade física e intelectual. No entanto, os cuidados com a formação da mulher passaram a ser necessários, quando elas passaram a ser vistas como responsáveis pela saúde da família, pela manutenção da unidade do lar e dos bons costumes, aspectos considerados essenciais para o progresso da nação (LOURO, 2004).

Marcada por essa educação patriarcal, Tulipa obedeceu, então, a vontade de seus pais. Ela se casou, teve filhos, construiu uma família, começou a trabalhar, mas não se sentia completa. O desejo de estudar, negado no início de sua vida, ainda estava vivo dentro dela. E assim, com disposição, apesar das dificuldades existentes, ela voltou, agora, aos bancos escolares: “Para mim, é fundamental estudar, e temos que aproveitar as oportunidades que Deus dá para gente. Acho isso muito importante, eu acredito que a escola vai me ajudar na minha vida bastante, abrir portas e realizar desejos” (TULIPA, nota de campo).

Enquanto as outras entrevistadas tiveram possibilidade, na infância, de começar a estudar, Rosa, a terceira entrevistada, não contou com tal oportunidade. Quando questionada como foi a infância, os estudos. Ela relatou que não se lembrava de contato com a escola, que não se recordava de ter vivido qualquer experiência nesse ambiente: “Não me



lembro de ter começado. Eu morava na roça. Tive que trabalhar desde nova. Não tinha escola onde eu morava” (ROSA, nota de campo).

Rosa vem de uma família muito humilde, por isso, ainda criança, todos os filhos e filhas tiveram que contribuir com a renda familiar. Além dessa questão, não havia escolas na redondeza onde morava. A única existente era um pouco distante de sua casa. Disse ainda que a família nunca se importou em matricular os/as filhos/as, pois o horário diurno era somente destinado para o trabalho no campo.

Casos como esse são muito comuns entre estudantes da EJA. Adultos/as que iniciaram a vida acadêmica na fase adulta da vida, por não terem tido a oportunidade de estudar, por não encontrarem uma escola, ou por terem que largar o ensino por questões familiares, por sobrevivência.

A quarta entrevistada, com a idade de 46 anos, nomeada como Orquídea, também foi impossibilitada de começar os estudos. E o obstáculo que ela encontrou em sua infância foi algo que, infelizmente, não tinha como enfrentar. Ao me dizer que nunca estudou, questionei quais fatores a impediram de entrar em uma escola, algo a que ela demonstra bastante afeto: “Sempre tive vontade de estudar, muita, muita mesmo, mas nunca tive a oportunidade” (ORQUÍDEA, nota de campo). E ao falar sobre sua infância, relatou:

Não tive infância, nem sei falar para você o que era infância. A minha infância foi trabalhar na roça. Meus pais eram pobres, não tinham condições de me dar nada. Também era assim, tinha escola na roça, a questão dos meus pais, além de serem pobres, eram muito carrascos, muito ruim! Os filhos homens, eles deixavam ir para a escola, mas as filhas mulheres, eles não deixavam. Meus irmãos eram os únicos que estudavam, mas assim, uns estudavam, outros não queriam, e os que começaram saíram por falta de interesse. Eu, que sempre quis, nunca deixaram (ORQUÍDEA, nota de campo).

O caso de Orquídea é bem mais comum do que imaginamos. É uma realidade recorrente na história de mulheres mais velhas. As quais, nunca foram valorizadas e sofreram com a desigualdade. Sem poder estudar, eram criadas apenas para as obrigações domésticas, para seus esposos, e vemos esses reflexos até hoje em nossas mães, avós. Orquídea representa a mulher que, “durante anos, sofreu e que por diversas vezes ainda sofre as consequências de uma sociedade desigual, com predomínio da tradição patriarcal, que a impediu anteriormente das práticas educativas” (PARANÁ, 2006, p. 31).

Indaguei a Orquídea, quais motivos seu pai apresentava para não lhe permitir frequentar a escola, e assim ela desabafou:

Eles eram muito ignorantes, meu pai dizia que eu queria ir estudar para fazer cartinha para namorado, e que na escola eu ia aprender putaria e ir atrás de macho, e que minha escola seria o trabalho na roça. E com isso eu tinha vontade de fugir de casa e ir para a cidade, trabalhar nas casas de família, para mim ter as minhas coisas, ter roupa, ter sapato, que eu não ganhava de ninguém (ORQUÍDEA, nota de campo).

E assim, ela o fez. Aos 13 anos de idade, como a situação dentro de casa estava insustentável, ela fugiu. Morava na cidade de Itamaraju/BA, e lá ficou trabalhando em “casas dos outros”, como ela mesma relata:

Saí nova de casa, meu pai batia na gente, minha vontade sempre foi sair de casa e trabalhar na casa das pessoas. Eu só queria também casa de família, porque eu achava que eu estaria mais segura. Porque além de me sentir segura, para mim eu ia estar no lugar que eu poderia comer, beber, e tinha lugar também de dormir, imaginando que seria um lugar de respeito (ORQUÍDEA, nota de campo).

Ela narrou sobre os trabalhos dela:

Eu nem era moça ainda, já trabalhava na roça. Na roça eu comecei a trabalhar com 10 anos (ORQUÍDEA, nota de campo).

Eu sou de Itamaraju, mas trabalhava em Itamaraju, Itabela, até em Ilhéus. Em casa de família, onde já chegaram a bater na minha face. Trabalhava na casa dos outros (ORQUÍDEA, nota de campo).

Fiz apenas trabalhar, aí também arrumei marido cedo, porque eu não tinha estudo, não tinha outro meio de viver, foi meio que forçado, tive que arrumar pessoas para morarem comigo. Eu já morei com pessoas que eu não conhecia, morei com bandido, já fui mulher de bandido, já convivi com esse povo, mas a paixão pelo estudo eu sempre tive (ORQUÍDEA, nota de campo).

As relações de desigualdade entre homens e mulheres perpetuam-se não apenas nas esferas educacionais, mas também nos ambientes familiares, profissionais e sociais. O relato da entrevistada demonstra a realidade de muitas mulheres que hoje tentam re/começar uma vida acadêmica. A condição de ser mulher, para a entrevistada, lhe fez perder muitas oportunidades na infância. A decisão familiar, que lhe foi imposta, demonstrou que a família não acolheu as suas particularidades, pelo simples fato de ser mulher. A imposição que a entrevistada sofreu, por não ser do sexo “supostamente mais forte”, aos olhos dos seus pais, a



fez crescer enfrentando obstáculos na sociedade, sendo vista como alguém incapaz de alcançar algo, com a obrigação de apenas servir.

Numa imperativa necessidade de analisar as condições em que as famílias de Orquídea, bem como a de Tulipa tomaram suas decisões, vale destacar que tais ações, em relação ao destino das filhas, encontram-se atravessadas por algo que se coloca à sociedade com muita força: o patriarcado. Ressaltamos essa questão, justamente porque a nossa sociedade tem em sua base, de forma acentuada, o pensamento de que a condição de ser homem atribui vantagens e poder em relação à condição de ser mulher. Nesse sentido, a internalização desse tipo de pensamento, desde a mais tenra idade, alcança certo nível que a pessoa age de forma inconsciente, reflexos da incorporação vivida por longo período (BOURDIEU, 2004).

Vale salientar que,

o patriarcado não designa o poder do pai, mas o poder dos homens, ou do masculino, enquanto categoria social. O patriarcado é uma forma de organização social na qual as relações são regidas por dois princípios básicos: 1) as mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens e, 2) os jovens estão hierarquicamente subordinados aos homens mais velhos (NARVAZ; KOLLER, 2006, p. 50).

Apesar de hoje o papel da mulher na sociedade ser reconhecido, e ela ser considerada “uma das prioridades-chave para o desenvolvimento econômico, responsável por influenciar de maneira positiva nos índices de matrícula, na assistência, na permanência e no rendimento escolar dos filhos” (NOGUEIRA, 2005, p. 68), ainda são explícitas as diferenças relacionadas ao gênero, ainda é apagada a sua participação política em prol de mudanças sociais, ainda é negada a muitas delas a oportunidade de adquirir o conhecimento que a escola tem a oferecer. A falta de apoio social, familiar, influencia, sim, na permanência ou não destas mulheres no meio escolar, e muitas vezes nem elas mesmas “conseguem estabelecer o sentido exato de sua necessidade de escolarização” (LEONCY, 2013, p. 17).

A história de Violeta se resume a uma infância de muito trabalho. Nascida em Itapebi/BA, teve acesso à escola aos 09 anos de idade, mas por questão financeira, se viu obrigada a abandonar os estudos, aos 12 anos:

Saí porque minha mãe não tinha condições de me dar as coisas. Eu tive que trabalhar de empregada doméstica com 12 anos, na casa da minha tia, depois disso eu comecei

a ganhar o gosto de trabalhar e não tinha tempo de estudar. Como a gente nunca teve condições boas, comecei a trabalhar, trabalhar... e nunca voltei para a escola (VIOLETA, nota de campo).

Ao se deparar com as dificuldades que sua família enfrentava, ela teve que abandonar os estudos para poder ajudar nas despesas de casa e com as próprias, já que nem os materiais de escola seus pais tinham condições de oferecer. Então ela relata que a vida dela, após isso, foi apenas trabalhar. Os estudos, infelizmente, ficaram para trás, deixando apenas a saudade de algo a mais, como diz ela: “Aí, agora com 41 anos, depois de filhos, minha mais velha tem 21 anos, me deu vontade de estudar, porque eu não quero só trabalhar de ajudante, quero ser alguém” (VIOLETA, nota de campo).

A condição da mulher, na educação, bem como na sociedade, é muito semelhante quando o assunto é o enfrentamento das adversidades. Do mesmo jeito que as mulheres lutam por espaços no mundo do trabalho e por igualdade de direitos, ela também luta pela educação. Na EJA, encontramos mulheres que dividem seu tempo entre o trabalho, a família e os estudos. Lutam, das mais diversas formas, para conseguirem concretizar seus planos, realizar seus sonhos e conquistar seus espaços. Sejam eles quais forem, luta e resistência não faltarão.

3. O retorno à escola e a EJA

Retomar algo depois de muitos anos não é simples. O retorno dessas educandas à escola também não foi fácil. Margarida, no seu retorno, teve muitas dificuldades, altos e baixos, para poder se adaptar a essa nova etapa em sua vida. Como podemos constatar em sua própria narrativa:

Quando eu cheguei aqui, fui trabalhar e estudar, só que eu chegava lá no Viviane Sena, a escola que eu estudava.... Aí chegava muito cansada do trabalho, quando chegava lá, já era 19:30, aí não deixava mais entrar na escola. Aí eu desisti, mas quando eu passei para o Álvaro Henrique, que foi quando inaugurou, foi a gente, que era tudo novinho lá, aí eu cansei de novo, não dava conta de trabalhar e estudar, aí eu saí da escola. E vim entrar na escola já depois de “coroa”, já com quarenta e nove anos. Sempre o trabalho, a correria atrapalhava estudar (MARGARIDA, nota de campo).



O trabalho (ou a procura dele) tem se mostrado um dos obstáculos mais potentes, no que se refere à decisão por parte das pessoas adultas e/ou idosas que buscam iniciar, retomar e/ou permanecer estudando. A correria do dia a dia é desgastante. Margarida enfrenta esse obstáculo todos os dias, seu trabalho exige bastante dela. Atualmente ela trabalha vendendo geladinho nas praias e, quando surge, faz faxina. Uma tentativa de ampliar a renda.

Vendo geladinho na praia e faço faxina também, quando eu acho faxina eu faço. O que me fez estudar foi a precisão. Que eu fiquei “coroa” e não consegui emprego nenhum melhor, só emprego pesado de faxineira, e eu voltei a estudar para mim ver, porque eu estudando eu posso fazer um curso, através disso, para eu abrir uma empresa eu tenho que saber das coisas (MARGARIDA, nota de campo).

De acordo com Reis (2009), além da vida corrida e desgastante que o/a estudante da EJA vive cotidianamente, tem ainda que conviver com a inadequação escolar, na parte noturna. A questão da estrutura é um problema nacional, como salienta Reis (2009). Contudo, a narrativa de Margarida não aponta quaisquer problemas dessa natureza. Ela continua focada em apontar suas dificuldades e desafios cotidianos.

Eu consigo passar por cima do cansaço, e como eu trabalho, assim, em praia, aí eu posso tirar um dia para descansar, por minha conta, mas mesmo assim é cansativo, mas a minha necessidade foi demais, tive que voltar a estudar, mesmo cansada (MARGARIDA, nota de campo).

Em geral, o processo de “autoculpabilização”⁷, comum aos educandos e educandas da EJA, não permite a essas pessoas enxergarem os problemas que a escola possui. Margarida, assim como qualquer mulher, divide seu tempo entre o trabalho fora de casa, com o que envolve os serviços domésticos, incluindo ainda aquele que ela dedica aos estudos. Segundo afirmou, uma boa parte da noite ela dedica aos afazeres domésticos, já que não tem mais filhos em casa, e mora sozinha.

Ao comentar sobre o que mais dificulta sua permanência na escola, ela disse: “O cansaço, pois toda minha vida, o trabalho foi pesado, desde criança que eu trabalho e trabalho pesado, não tive fase de criança, eu botava muita água na cabeça para poder comprar o alimento para comer” (MARGARIDA, nota de campo).

⁷ Termo usado por Santos (2003), ao discutir a forma como, recorrentemente, as pessoas da EJA se referem quando falam da interrupção dos estudos nas experiências iniciais. Costumam trazer para si todas as responsabilidades, sem levar em consideração, por exemplo, a relação entre sua situação pessoal/familiar e a estrutura socioeconômica circundante.

Tendo em vista as narrativas, retornar aos estudos é uma escolha corajosa, ainda mais quando se retorna trinta anos depois, como é o caso de Tulipa. Quando questiono o porquê de ela voltar após esse tempo, responde: “Eu analisava, e esse projeto sempre esteve comigo. Por outro lado, tive uma pessoa que me incentivou, disse que estava nova, que tinha que aproveitar essa oportunidade enquanto era tempo” (TULIPA, nota de campo).

Através de incentivos de amigos, Tulipa resolveu voltar. Ela já tinha essa necessidade de aprender, mas não tomava uma posição em relação ao que sentia. Através de suas amigas, de conversas, decidiu tomar essa decisão e retomar os seus estudos, pelo desejo de aprender a ler e a escrever, como disse em sua narrativa: “Não penso em desistir, quero continuar, conseguir escrever meu nome, ler as palavras na rua” (TULIPA, nota de campo).

Vale ressaltar que, para que os objetivos de Tulipa sejam realizados, é necessário, também, que a escola participe desse projeto de vida.

À escola impõe-se o desafio de derrubar os muitos muros materiais e simbólicos que foram construídos ao longo da história e que, em última instância, são os principais responsáveis pelas interferências na comunicação entre os jovens alunos, seus colegas mais idosos e seus professores (CARRANO, 2000, 155).

Quando a necessidade de aprender fala mais alto que os obstáculos encontrados no meio do caminho, enfrentamos e fazemos o possível para realizar o que desejamos. Nossa entrevistada, Rosa, que nunca tinha ido à escola, antes de ser estudante da EJA, tentou uma vez, já na fase adulta, mas não conseguiu dar continuidade: “Eu não me lembro de começar, eu tentei e desisti um ano, e agora voltei de novo” (ROSA, nota de campo). Em sua segunda tentativa, apesar de encontrar diversos obstáculos, prosseguiu, e está no seu segundo ano. Quando lhe perguntei sobre as dificuldades que ela encontra para permanecer no âmbito escolar, me explicou: “Eu não acho difícil vim para a escola, não. A dificuldade é estar aqui. Vim para cá não é difícil, para mim” (ROSA, nota de campo). Questionei sobre qual dificuldade ela encontrava no contexto escolar, e ela nos falou do seu extremo receio com a leitura. O desejo de aprender é enorme, chega a ser perceptível no seu modo de falar, quando expressa a vontade que tem de ler e escrever, mas o medo de errar ou de não conseguir a deixa nervosa. Mas, quando lhe perguntei se essa dificuldade a faria desistir novamente, me responde com toda convicção:



Eu penso que mesmo as dificuldades, vou continuar. Vou passar por cima dos meus medos e terminar. Eu quero aprender as coisas, poder ir para um ponto de ônibus, poder ler as coisas, ter um trabalho melhor, a gente passa por muita coisa quando não sabe ler. Você tem uma lista para poder comprar e não consegue ler. A gente tem que aprender isso (ROSA, nota de campo).

Não é possível ouvir essa narrativa, sem pensar sobre o papel dessa tão importante Política Pública, a EJA. Seu relato nos conduz a pensar sobre sua Função Reparadora da EJA, o quanto que tal questão se coloca como elemento fundamental, nesse contexto. Rosa teve seu direito de estudar negado, quando criança. A condição em que sua família teve que sobreviver, tirou dela e, supostamente, de seus irmãos e irmãs, a possibilidade de aprender o básico: ler e escrever. Mas, mesmo tendo passado por tudo. Mesmo sendo vítima dessa estrutura social injusta, mais uma vez o Estado pode estar negando a ela as condições mínimas de aprender na fase atual de sua vida.

Em uma situação parecida, já que também começou sua trajetória já na fase adulta, Orquídea teve que enfrentar muitos obstáculos para entrar no meio acadêmico. Iniciou aos 44 anos, aqui em Porto Seguro, como ela mesma conta: “Morei em Coroa Vermelha, e de lá vim para Porto, que foi onde comecei. Infelizmente, quando comecei eu parei, na verdade eu perdi por falta, e por doença, eu desisti umas duas vezes mais” (ORQUÍDEA, nota de campo).

Após algumas interrupções, Orquídea retorna, mas ainda assim explana as dificuldades que tem no seu dia a dia, para continuar estudando: “Eu trabalho em casa, dona de casa mesmo. Cuido da minha irmã, que está doente, moro com meu esposo e essa filha minha que sempre trago comigo. Eu não consigo trabalho, pois tenho algumas doenças, como tireoide, e sou hipertensa” (ORQUÍDEA, nota de campo).

Todas as vezes que encontramos com Orquídea, na escola, ela sempre estava acompanhada por sua filha, de 10 anos. Ela relatou que traz a menina todos os dias com ela, pois não tem com quem deixá-la. Até gosta, pois, a sua filha a ajuda nas atividades que ela não entende. Disse que começou a estudar por decisão dela, sentia a necessidade: “Foi por mim mesma, minha vontade desde criança, e o que ajudou a entrar foi porque quando eu saía e precisava ler e escrever, eu não sabia” (ORQUÍDEA, nota de campo). Perguntei o que ela sentia na infância, por não poder estudar: “Eu sentia muita tristeza, porque eu pensava assim,

as pessoas vão conseguir ser alguém na vida, iam conseguir ter as coisas, e eu não” (ORQUÍDEA, nota de campo).

Nesta mesma situação se encontra Violeta. Ela leva sua filha de 9 anos, todos os dias para a escola, por não ter com quem deixá-la:

Eu não tenho muitas dificuldades, eu trago minha filha todos os dias, mas eu até gosto, eu não tenho com quem deixar ela, e não gosto de incomodar as pessoas, então prefiro trazer. O meu esposo não é o pai dela, ele fica em casa, mas não gosto de deixar (VIOLETA, nota de campo).

Violeta trabalha como camareira em um hotel. Perguntamos como é seu dia a dia no trabalho: “Trabalho, em um hotel, de camareira, das 8h às 16h20. Eu trabalho, quando saio venho para casa, me arrumo e vou para escola” (VIOLETA, nota de campo). Perguntamos também se o cansaço não atrapalha sua vida acadêmica, e se isso já a fez pensar em desistir novamente: “Às vezes (risos). Eu chego muito cansada, acabo faltando, mas no outro dia eu penso: ‘eu tenho que ir’. Parar não, parar nunca, estou cansada, hoje não vou, mas amanhã eu vou” (VIOLETA, nota de campo). Ela ainda ressaltou que estudar foi uma decisão dela: “Ninguém falou ‘vai’, nem minhas filhas mesmo falou isso. Eu vi que precisava estudar. Decidi sozinha” (VIOLETA, nota de campo).

Violeta sinaliza uma importante questão, comum entre as mulheres que são mães: ter filhos/as pequenos, querer estudar e não ter com quem deixá-los/as. Das cinco entrevistadas, duas levam suas filhas para a sala de aula, por não ter alguém de confiança com quem deixá-las. Ambas não veem isso como uma dificuldade, mas não se sentem realmente bem em ter que tirar as filhas de casa todos os dias, à noite, para acompanhá-las. Essa situação é vivida por diversas mulheres estudantes da EJA. Andando pelo corredor da escola, não pudemos deixar de notar a quantidade de crianças brincando fora das salas de aula, enquanto suas mães estudam.

Desse modo, os depoimentos, além de reafirmarem o que outras pesquisas já apontaram, que não é fácil ser estudante a certa altura da vida (DA CRUZ, 2011), ressaltam também o quanto que, para elas, “a vida cotidiana está cheia de situações insólitas e desconcertantes” (PAIS, 2003, p. 13).



4. As condições de ser mulher na EJA

A visão da mulher na sociedade atual passou por bastantes mudanças. Hoje em dia o homem não é mais visto como o provedor do lar. Mesmo ainda com a desigualdade salarial entre homens e mulheres, a visão de que o lar possui apenas um provedor, nesse caso, o homem, já é ultrapassada. O número⁸ de mulheres que chefiam os lares sozinhas cresce a cada dia.

Quando se trata da mulher na educação, não é muito diferente, cada dia que passa as mulheres tentam recuperar o que lhes foi tirado na infância: o direito a educação, que era vista apenas para o sexo masculino, situação que impôs a elas o destino de viver apenas para atividades domésticas.

As questões de gênero também fazem parte das discussões acerca da Educação de Jovens e Adultos, como revela a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, citada por Vieira e Cruz (2017, p. 5):

A Educação de Jovens e Adultos engloba também a questão de gênero. Pesquisa realizada pelo IBGE, divulgada em 2009, constatou que 53% dos estudantes da EJA são mulheres. Cada mulher tem o seu perfil, sua individualidade, os obstáculos encontrados por cada uma nunca será o mesmo que a outra. Apesar de tudo, vence o cansaço, os desafios, com a finalidade de aprender, de estudar (PNAD, 2009).

Durante as conversas com as entrevistadas, elas expuseram como é ser mulher nesta sociedade atual, como a questão social e profissional está atrelada à questão educacional, já que a exigência feita a elas é maior:

É que hoje, no mercado de trabalho, os homens estão tendo mais oportunidade do que as mulheres, ganham mais, e por isso hoje isso ser tão difícil, os homens têm oportunidade de ganhar mais direito (VIOLETA, nota de campo).

Trabalho em um hotel, de camareira, das 8:00 às 16:20. Eu trabalho, quando saio venho para casa me arrumo e vou para escola. Eu chego muito cansada, às vezes, acabo faltando, mas no outro dia eu penso: eu tenho que continuar (VIOLETA, nota de campo).

Eu trabalho na praia, não tenho oportunidade em outro local, dependendo de faxinas e das vendas na praia (MARGARIDA, nota de campo).

⁸ Entre os casais com filhos, o número de mulheres chefes passou de 1 milhão, em 2001, para 6,8 milhões, em 2015, alta de 551%. Já no caso dos casais sem filhos, o crescimento foi ainda maior, de 339 mil para 3,1 milhões, salto de 822%. **ÉPOCA**. Negócios. Agência O Globo. 06 mar. 2018. Disponível: <https://epocanegocios.globo.com/Economia/noticia/2018/03/em-15-anos-numero-de-familias-chefiadas-por-mulheres-mais-que-dobra.html>. Acesso em 15 jul. de 2019.

Hoje em dia, acho que as coisas melhoraram para nós mulheres, vejo pelo o que eu sofri quando criança, por ser menina. Não temos tudo igual aos homens, mas estamos conseguindo muita coisa. Poder estudar agora é uma realização para mim (ORQUÍDEA, nota de campo).

As mulheres entrevistadas veem na escola uma forma de, em alguma medida, aliviarem seus problemas ou obstáculos vividos anteriormente. Uma das cinco entrevistadas tem um trabalho fixo, como faxineira, mas como ela mesma disse, se sente desvalorizada na sociedade: “Sim, estudo porque quero mais valorização tanto profissional quanto pessoal” (VIOLETA, nota de campo). Todas acreditam que os estudos as ajudarão a ter mais valorização profissional:

Exatamente minha filha, a gente trabalha muito e ganha pouco. Eu tenho valor no estudo, e assim ter valor nas áreas de serviços (MARGARIDA, 46 anos).

Sim, as empresas não pegam pessoas que não tem nenhum ensino né? Eu venho atrás disso também (TULIPA, nota de campo).

Sim, continuo achando que os estudos vão me ajudar, continua porque eu sei que ajuda, eu sentia muita tristeza, porque eu pensava assim, as pessoas vão conseguir ser alguém na vida, iam conseguir ter as coisas, e eu não (ORQUÍDEA, nota de campo).

As mulheres alunas da EJA procuram por valorização, chances de mostrar que são capazes, que conseguem, apesar dos obstáculos enfrentados no dia a dia. Na realidade, elas possuem uma perspectiva de que há possibilidades de realizar desejos/sonhos. Quando perguntamos para Margarida o que significavam os estudos para ela, disse:

Menina, eu acho assim, que a pessoa que estuda, não fica oprimida, seja no comércio, na cidade. Por exemplo, se eu viajar daqui de Porto Seguro para outra cidade, então eu tenho que conhecer nomes, pontos, placas dos ônibus, aí eu estou me desenvolvendo nesta área do estudo, não é? (MARGARIDA, nota de campo).

Disse, ainda, Margarida: “Eu sonho em estudar, peço a Deus saúde, coragem para trabalhar, pois depende de estudar e trabalhar né, para me manter, me segurar”.

Ser mulher na EJA, para essas educandas, é algo muito mais amplo do que apenas estudar. É estar realizando um sonho. É pensar além de só aprender a ler e a escrever. É reaprender a ser elas mesmas, de várias formas, de vários jeitos. Em última instância e, talvez, a mais impactante, é empoderar-se.



Eu penso em continuar meus estudos, para poder crescer na minha vida, ajudar minha família (ORQUIDEA, nota de campo).

Claro que tenho vontade de estudar por questão de trabalho, mas também pessoal. Quero crescer também profissional, quanto pessoal (VIOLETA, nota de campo).

Sim, quero continuar meus estudos, vou terminar (ROSA, nota de campo).

Eu acredito que a escola vai me ajudar na minha vida bastante, abrir portas e realizar desejos (TULIPA, nota de campo).

É na escola que as mulheres da EJA, a princípio, relegadas a uma subclasse, têm na educação, não só um elemento extremamente relevante na construção e desconstrução de suas identidades, mas um instrumento que, a partir do conhecimento, poderá criar meios de fazê-las transpor as desigualdades de gênero e alterar sua realidade de vida.

Considerações Finais

Ao apresentar as narrativas das trajetórias de vida das alunas da EJA, propusemos trazer à tona, um pouco do cotidiano intra e extraescolar de cada entrevistada, destacando as adversidades, sobretudo, as que são potencializadas pela condição de ser mulher e estudante da Educação de Jovens e Adultos, bem como o esforço que cada uma precisou fazer para garantir a permanência na escola.

Várias foram as formas de obstáculos que essas mulheres tiveram que superar, tanto na infância, como na vida adulta, para terem a possibilidade de viver a experiência escolar. Na maior parte dos desafios, a questão de gênero estava posta. Como exemplo, podemos citar a presença das crianças nas escolas. Tal realidade, muito raramente é aplicada aos homens estudantes. Além dessa questão, outras atuaram com potenciais possibilidades de interferirem no acesso e permanência dessas mulheres na escola, a exemplo do trabalho infantil, casamento, maternidade precoce, trabalho na fase adulta, a condição de ser mulher.

O trabalho infantil foi o obstáculo que impediu a maioria das entrevistadas na infância. Todas vieram de uma família humilde, grande, na qual a renda era insuficiente, sem a contribuição de todos/as. Por essa razão, o trabalho na infância e o abandono ou a impossibilidade de acessar a escola, tornaram-se inevitáveis.

A maternidade precoce surge como uma consequência na vida dessas mulheres que tiveram as suas infâncias retiradas, muitas vezes orientadas por uma concepção social que obrigava as meninas a se casarem cedo. Diante de tal realidade, muitas mulheres decidem

retornar aos estudos quando a maioria dos/as filhos/as já está criada, como foi o caso da maior parte das nossas entrevistadas. Mesmo assim, muitas acabaram desistindo de retomar sua vida escolar, muitas vezes por acreditarem que o tempo passou e que não têm mais idade para estudar.

De um modo geral, esta pesquisa aponta que a sociedade ainda continua atravessada, em suas relações sociais, pela desigualdade de gênero. O feminino ainda continua sendo a parte da sociedade que tem mais dificuldade, como no caso das entrevistadas, de acessar e, sobretudo, permanecer na escola. Dito de outra forma, a mulher ainda é discriminada na atual sociedade.

Fica evidente, também, que para as mulheres mais velhas, as questões que tomam as relações de gênero a partir da perspectiva da concepção patriarcal, machista, produzem ainda mais adversidades, como demonstramos em diversas passagens, quando trouxemos à tona, as narrativas das mulheres que deram voz a este trabalho.

Referências Bibliográficas

ARROYO, M. G. Juventude, produção cultural e Educação de Jovens e Adultos. In: SOARES, L.; DE CASTRO GIOVANETTI, M. A. G. **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

ARROYO, M. G. Formar educadoras e educadores de jovens e adultos. In: SOARES, Leôncio (Org.) **Formação de educadores de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica/SECAD/MEC/UNESCO, 2006.

BASTOS, Ludimila Corrêa. **Traçando metas, vencendo desafios: experiências escolares de mulheres egressas da EJA**. Belo Horizonte – MG. Universidade Federal de Minas Gerais, 2011. (Dissertação de Mestrado).

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Lei nº 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996. BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental.

CARRANO, P. C. R. Identidades Juvenis na Escola. In: Alfabetização e Cidadania – **Revista de Educação de Jovens e Adultos**, n 10 – julho de 2000

CHARLOT, B. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

COURA, I. G. M. Desejos e desafios de pessoas da terceira idade no processo de escolarização. **Revista de Educação de Jovens e Adultos**, v. 2, nº 3, dez. 2008.



DA CRUZ, N. C. **“Esse ambiente não é para todo mundo”**: as condições de inserção e de permanência de egressos/as da EJA no ensino superior público. Tese de Doutorado. Belo Horizonte, MG: Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

DA CRUZ, N. C. **Casos pouco prováveis**: trajetórias ininterruptas de estudantes da EJA no Ensino Fundamental. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, MG: Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

DA CRUZ, N. C.; VIANA, M. J. B. Apropriação de estratégias como forma de superar obstáculos: trajetórias ininterruptas de estudantes da EJA no ensino fundamental. **Revista NupeX em Educação** – Teixeira de Freitas, v. 1, n. 1, julho/dezembro de 2014.

LEONCY, C. E. T. **Mulheres na EJA**: questões de identidade e gênero. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2013.

LEVY, M. S. F. A escolha do cônjuge. **R. bras. Est. Pop.**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 117-133, jan./jun. 2009

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, M. (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.

LUDKE, M. ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, C. S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

Narvaz, m. G; koller, s. H. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. **Psicologia & Sociedade**; 18 (1): 49-55; jan/abr. 2006.

NOGUEIRA, V. L. Educação de Jovens e Adultos e Gênero: um diálogo imprescindível à elaboração das políticas educacionais destinadas às mulheres das camadas populares. In: SOARES, L. (org.). **Aprendendo com a diferença**: estudos e pesquisas em educação de jovens e adultos. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PAIS, J. M. **Vida cotidiana**: enigmas e revelações. São Paulo: Cortez, 2003.

PALÁCIOS, K. C. M; REIS, M. G. F. de A; GONÇALVES, J. P. A mulher e a educação escolar: um recorte da EJA na atualidade. **Rev. Ed. Popular**, Uberlândia, v. 16, n. 3, p. 104-121, set./dez. 2017

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares Estaduais para Educação de Jovens e Adultos**. Curitiba: Secretária de Educação, 2006.

REIS, S. M. A. O. **A inserção dos egressos da educação popular na escola pública**: tensão entre regulação e emancipação. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, MG: Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

TRIVINOS, A. N. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VIEIRA, M. C.; CRUZ, K. N. A produção sobre a educação da mulher na educação de jovens e adultos. **Revista do Centro de Educação**, Santa Maria, v. 42, n. 1, jan./abr.2017.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Artigo recebido para publicação em: 29 de setembro de 2020.
Artigo aprovado para publicação em: 30 de novembro de 2020.